

CARRICO, André. *Didi, o mendigo renunciador*. Campinas: Unicamp. Doutorado em Artes; Neyde de Castro Veneziano Monteiro. Ator e pesquisador.

RESUMO

Criado em 1960 pelo cômico Renato Aragão, Didi é um ícone da cultura popular de massa. Re-significando um conjunto de procedimentos preexistentes, legou à cena cômica nacional um repertório de 69 bordões e 29 lazzi. Nordestino e mal tratado, esperto e independente, rei da facécia e do improviso, Didi pode ser definido como o modelo que o antropólogo Roberto Damatta (1991) denomina de *renunciador* - personagem que promete ao povo um universo social alternativo ao abdicar de prestígio e riqueza. Segundo o ensaísta, esse tipo recusa a vida social, habitando os interstícios da sociedade e escolhendo a mediação das injustiças sociais através da vingança justificada. O destino de andarilho de Didi incorpora a utopia de um homem que almeja ser livre. A vagabundagem e a energia na luta pela justiça são características ambivalentes que completam a *persona* do trapalhão e reforçam sua graça como tipo midiático emblemático. Aos 53 anos, o mendigo *renunciador* sobreviveu aos Trapalhões e segue a despertar interesse e identificação em diferentes gerações e faixas etárias, ao encarnar os assuntos e as quimeras do público popular.

Palavras-chave: Comédia Popular: Circo: Palhaço.

RESUMÉ

Créée en 1960 par le comédien Renato Aragão, Didi est une icône de la culture populaire de masse. Il a re-signifié un ensemble de procédures préexistantes et légué à la scène comique nationale un répertoire de 69 tirades et 29 lazzi. Migrateur et maltraité, malin et indépendant, roi de la facétie et de l'improvisation, Didi peut être définie comme le modèle que l'anthropologue Roberto Damatta (1991) appelle le *renonciateur* - personnage qui promet un univers social alternatif en renonçant au prestige et à la richesse. Selon l'essayiste, il refuse la vie sociale, en habitant les interstices de la société et en choisissant la médiation des injustices sociales à travers la vengeance justifiée. Le destin de vagabond Didi intègre l'utopie d'un homme qui aspire à être libre. La vagabondage et l'énergie dans le combat pour la justice sont des éléments ambivalents qui complète le personnage maladroit et renforce sa grâce en tant que type emblématique. Avec 53 ans, le mendiant renonciateur a survécu au group Os Trapalhões et continue a susciter l'intérêt et l'identification de différentes générations et groupes d'âge, en incarnant les sujets et les chimères du public populaire.

Mots-clés: Comédie Populaire: Cirque: Clown.

Levado à cena pela primeira vez em 1960 pelo cômico Renato Aragão, Didi é um ícone da cultura popular de massa. Mistura de Arlequim e de *tramp*¹, o tipo cômico surgiu na TV Ceará e em 1965 alcançava também as telas de cinema. Mais tarde, reunido às figuras de Dedé, Mussum e Zacarias, liderou a formação definitiva do quarteto Os Trapalhães.

Apresentado muitas vezes como um criado miserável ou mendigo, sobretudo na telona, Didi usa vestes quase sempre surradas estampando sua miserável condição social. O desalinho de sua indumentária, salpicada de furos e remendos, identifica as trapalhices de seu jeito de ser, sempre em busca das aventuras nas quais se mete para fazer justiça, herói desajeitado. Seus andrajos denunciam seu nome, *trapalhão*, sinônimo do trapo esfarrapado usado pelos marginais que habitam a beira das estradas. Por meio do personagem, Renato Aragão re-significa um conjunto de procedimentos preexistentes, disseminados por truões que o antecederam no Circo, no Teatro de Revista, no Humorismo Radiofônico e nas Chanchadas. *Poupança* (como sinônimo de traseiro), *ô... psit!* e *bicho bom* são alguns dos 69 bordões que compõem seu repertório de recursos, além de 29 *lazzi* e outros códigos cênicos.

Um recurso circense bastante utilizado por Renato/Didi é a acrobacia, transformada em arma na luta contra seus detratores. Como *zanni*, o cearense é sempre explorado (e muitas vezes humilhado). Quando provocado, torna-se irado e vingativo. E as artimanhas que encampa no atropelo de seus enredos nem sempre são lícitas. Mas o fim sempre as justifica. Tal qual o Saci e Pedro Malasartes, Didi vinga os fracos de seus algozes, não importa o meio de que lança mão. “O Super Homem acha o dinheiro e dá para uma instituição de caridade. O Didi não: ele acha o dinheiro, o dinheiro é dele”².

Didi pode ser definido como um modelo do que o antropólogo Roberto Damatta (1991) denomina de *renunciador*. Na análise que faz dos contos populares baseados na lenda de Pedro Malasartes e no conto Augusto Matraga de João Guimarães Rosa, Damatta identifica os dois heróis como personagens que prometem ao povo um universo social alternativo ao abdicarem de prestígio e riqueza. Segundo o ensaísta, a exemplo de personalidades reais da história brasileira como Antônio

1 “(...) figura rústica e marginalizada, um vagabundo errante, que trazia o rosto dominado pela cor preta. Ele é o resultado da Guerra da Secessão, que deixou milhares de vítimas maltrapilhas vagando pelas estradas americanas” (BOLOGNESI, 2003, p. 78). O Carlitos de Chaplin é o mais conhecido exemplo de *tramp*.

2 Depoimento para COLEÇÃO OS TRAPALHÕES FORÉVIS, Volume 1, Produção Editora Abril. São Paulo: Editora Abril, 2005. 1 DVD.

Conselheiro e Lampião, tanto Malasartes quanto Matraga recusam a vida social, habitando os interstícios da sociedade e escolhendo a mediação das injustiças sociais através da vingança justificada. Se essa vingança acaba por afirmar a violência pessoalizada da ordem social brasileira, a renúncia rejeita essa violência reificada como algo natural, ao propor caminhos alternativos como solução. Há em Augusto Matraga, por exemplo, “uma espera da redenção total no futuro. O renunciador é aquele que individualiza-se, rompendo os laços que ligam o personagem à sua formação social original”³. Nos casos em que encontramos em Didi as características desse personagem, há uma certa incapacidade em se adaptar à rigidez das normas sociais, uma tendência à marginalidade pela inépcia ao convívio com padrões estritos e regras. Além disso, se em algumas fábulas Didi termina milionário, em outras, ao contrário, encontramos no tipo uma aversão ao poder, à riqueza e ao dinheiro.

Os Três Mosquiteiros Trapalhões (STUART, 1980) é um dos filmes em que encontramos as características de renúncia no Didi. Ao final dessa fábula, Didi-Zé Galinha recusa um saco de diamantes, dizendo: “Tomem, eu não sei viver com dinheiro”. Quando o saco cai no chão, na cena da festa, a comemoração é interrompida e cada convidado tenta apanhar uma pedra para si, acotovelando-se, rasgando-se, amontoando-se uns sobre os outros, numa grande balbúrdia, demonstrando que diante da ganância não existe etiqueta; o ser humano é sempre selvagem.

Didi, o *renunciador*, abandona o alto cargo que lhe é conferido no Ministério das Minas e Energia como prêmio na película *O Incrível Monstro Trapalhão* (STUART, 1980) e foge. A misantropia do tipo revela-se em seu bilhete de despedida que diz: “Ói, tuma, eu fui embora... porque num sei trabaiá aí nesses horário dos home aí. Eu num paro em lugar nenhum. (...) Nós se encontra pelas esquina da vida”.

No deslinde de *Os Vagabundos Trapalhões* (TANKO, 1982), descobre-se que Didi-Bonga é o avô de Pedrinho e dono das empresas herdadas pelo pai do garoto, que renunciou a tudo para viver na rua. Na cena final, enquanto a Mercedes dos recém-casados atravessa a estrada, o cearense, com o rosto engraxado, caminha pela margem, com sua roupa surrada e sua mochila com apetrechos pendurados às costas, mostrando-se um autêntico *tramp*. No desfecho melancólico, Didi desperta dó.

Quando é *Cangaceiro Trapalhão* (FILHO, 1983), apesar de recusar a oferta de virar chefe de bando, oferecida pelo Capitão, Didi-Severino não abdica do ouro da Galinha de Pedra de Quixadá para concretizar seu sonho de morar perto do mar. Ressalte-se o fato de que o personagem

3 Damatta (1991, p. 63).

Lampião, tema desse filme, é um dos exemplos de *renunciadores* do imaginário nacional apontados por Damatta (1991).

Didi-Cardeal, o *renunciador* de *Os Trapalhões e o Rei do Futebol* (MANGA,1986), é roupeiro de um time profissional. Depois de ter conquistado o campeonato para a equipe na substituição de um jogador na final, recusa-se a ser presidente do Independência Futebol Clube.

Na aventura d'A *Princesa Xuxa e os Trapalhões* (ALVARENGA JR.,1989), Didi-Diron também abjura. Ratan, o conquistador, decide dominar o planeta Antar escravizando crianças. A bela princesa Xaron, com quem pretende se casar, é mantida presa no palácio, pensando que tudo vai bem. Ao saber como vive seu povo pelo relato de um Cavaleiro Sem Nome, ela foge para a floresta num tanque roubado com ele e seus amigos, os ex-príncipes Zacaling, Dedeon e Mussaim. Lá, Sem Nome apaixonou-se pela princesa, que o batiza de Diron. Juntos, conseguem libertar as crianças aprisionadas e com elas formam um exército para invadir o palácio e derrotar Ratan. Depois da vitória no palácio de Antar, a Princesa Xaron pede a Didi-Diron: "Fique aqui e reine comigo". Mas o *renunciador* lhe responde: "Não posso. Eu não sei viver aqui dentro. Meu lugar é lá fora". "E nós?", pergunta-lhe a bela Xaron, referindo-se ao romance dos dois. "Se o seu destino tiver ligado ao meu, a gente vai se encontrá num porãozinho aí, né?", revela de maneira safada o trapalhão.

A Escola Atrapalhada (RANGEL,1990), frequentada por estranhos personagens, é vítima dos ataques de um inspetor rejeitado. Didi, zelador do colégio e querido por todos os alunos, sonha em ser ator, cultiva uma paixão não correspondida pela professora de Biologia e será uma das pessoas a tentar salvar o prédio da demolição pela especulação imobiliária. Após o casamento da Professora com um professor, no encerramento da obra, preterido pela amada, Didi volta a aparecer como um andarilho que recusa o convívio social.

Na miséria ou na fortuna, desfrutando de iates e carrões ao final de muitas fábulas, Didi permanece preguiçoso e perspicaz⁴. Mesmo se estiver sem dinheiro ou com problemas, Didi não se importa: o que ele quer é viver sem compromisso e feliz. Seu destino de andarilho incorpora a utopia de um homem que almeja ser livre. Ainda que sozinho e pobre, ele sonha que tem uma mulher bonita, sonha com o tesouro material, sonha que ficou rico. E em muitas fábulas realiza essas quimeras. Seja qual for a sorte do trapalhão, o público se projeta nela.

A vagabundagem e a energia na luta pela justiça são as características ambivalentes que, completando-se, acompanham o

4 Se na tragédia simpatizamos com o derrotado, para Propp (1992), na comédia, nos inclinamos àquele que ganha.

desajustado Didi. Aos 53 anos⁵, o mendigo *renunciador* sobreviveu aos Trapalhões e, em 2013, ainda faz palhaçada no Cinema e em especiais de Televisão. Nordestino e mal tratado, esperto e independente, rei da facécia e do improviso, é um ícone da cultura popular de massa e segue a despertar interesse e identificação em diferentes gerações e faixas etárias, ao encarnar os assuntos e as quimeras dos descamisados. Didi é o tipo midiático de carreira ininterrupta mais longeva da Televisão e do Cinema brasileiro e cuja figura emblemática permanecerá como referência para futuras gerações⁶.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.*, São Paulo: ed. Hucitec, 1987, 419 p.

BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços.* 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2003. v. 1, 293 p.

COLEÇÃO OS TRAPALHÕES FORÉVIS. Produção Editora Abril. São Paulo: Editora Abril, 2005. 3 dvds (aprox. 378 min.), cor, português, dolby digital estéreo 2.0.

DAMATTA, Roberto. *Carnaval, malandros e heróis.* Rio de Janeiro: ed. Guanabara, 1991, 287p.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso.* São Paulo: ed. Cortina, 1992, 215 p.

5 Os 50 anos do Didi foram tema da Escola de Samba paulistana X9, em 2011, com o enredo “De eterna criança a Embaixador da Esperança: Renato Aragão, Didi Trapalhão”. Em 1988, a Escola de Samba Unidos do Cabuçu, do Rio de Janeiro, havia apresentado o enredo “O Mundo Mágico dos Trapalhões”.

6 Por seu trabalho diante do programa de TV e da campanha social Criança Esperança, Renato Aragão tornou-se embaixador do UNICEF em 1991. No Festival de Gramado de 2008, o comico recebeu um Kikito especial pelo conjunto de sua obra. Em abril do mesmo ano, recebeu uma homenagem especial da Academia Brasileira de Cinema. Em março de 2012, foi o homenageado do 3º Festival Risadaria, em São Paulo.